

## CHARLATANISMO E TRAPAÇA

Médiuns interesseiros – Fraudes espíritas

### MÉDIUNS INTERESSEIROS

304 Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, não há nada de surpreendente em se querer também explorar os Espíritos; resta saber como eles receberiam isso, caso se tentasse fazê-lo. Diremos inicialmente que nada se prestaria mais ao charlatanismo e à trapaça que uma exploração dessas. Se o número dos falsos sonâmbulos é imenso, bem maior deve ser o dos falsos médiuns, e só esse fato já é um motivo fundado de desconfiança. O desinteresse pecuniário, entretanto, é a resposta mais clara e incontestável que se pode dar àqueles que vêem nos fatos espíritas apenas uma hábil manobra. Não existe charlatanismo desinteressado; qual seria, então, o objetivo de pessoas que usam a fraude sem proveito e com mais forte razão quando sua notória honorabilidade as coloca acima de qualquer suspeita?

Se o ganho que um médium obtém de sua faculdade pode ser um motivo de suspeita, isso não é de modo algum uma prova de que essa suspeita seja fundada. Esse médium pode ter uma aptidão real e agir de muita boa-fé fazendo-se pagar; vejamos se, nesse caso, pode-se razoavelmente esperar dele um resultado satisfatório.

305 Se foi bem compreendido o que dissemos sobre as condições necessárias para servir de intérprete aos bons Espíritos; sobre as circunstâncias independentes de sua vontade, que são freqüentemente um obstáculo às suas manifestações; enfim, sobre todas as condições *morais* que podem exercer influência sobre a natureza das comunicações, como se poderia supor que um Espírito, por menos elevado que fosse, a qualquer hora do dia, ficasse às ordens de um negociante de sessões e se submetesse às suas exigências para satisfazer a curiosidade do primeiro que chegar? Sabe-se da aversão dos Espíritos por tudo o que cheira cobiça, egoísmo, e o pouco caso que fazem das coisas materiais. Como admitir então que se prestem a ajudar quem quer negociar com sua presença? Isso repugna ao pensamento, e seria preciso conhecer bem pouco a natureza do mundo espírita para acreditar numa coisa dessas. Mas, como os Espíritos levianos não têm escrúpulos e procuram apenas uma oportunidade

para se divertir à nossa custa, disse resulta que, se não se é mistificado por um falso médium, tem-se a chance de o ser por alguns desses Espíritos. Somente essas reflexões dão a medida do grau de confiança que se deve conceder às comunicações dessa espécie. De resto, para que serve hoje os médiuns pagos, uma vez que, se não se tem em si mesmo a mediunidade, pode-se encontrá-la na família, entre amigos ou conhecidos?

306 Os médiuns interesseiros não são unicamente os que exigem pagamento; o interesse nem sempre se traduz pelo ganho material; ele se traduz também pelas intenções ambiciosas de toda espécie e pelas quais podem usufruir vantagens pessoais. Esse é um ponto que os Espíritos zombeteiros sabem trabalhar muito bem e o aproveitam com uma habilidade e uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com enganosas ilusões os que se colocam sob sua dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem, e os bons Espíritos se afastam de qualquer pessoa que pretenda fazer dela um degrau para alcançar o que quer que seja que não corresponda aos objetivos da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos o combatem; não se pode admitir que venham a seu serviço. Isso é tão racional que seria inútil insistir mais sobre esse ponto.

307 Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria; esses efeitos são geralmente produzidos por Espíritos inferiores menos escrupulosos. Não dizemos que esses Espíritos são necessariamente maus: pode-se ser um simples carregador e ser um homem muito honesto. Um médium de efeitos físicos que quisesse explorar essa faculdade encontraria muitos Espíritos que o assistiriam sem muita repugnância; mas aí se apresenta outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, como o de comunicações inteligentes, não recebeu sua faculdade para seu prazer: ela foi lhe dada com a condição de fazer dela um bom uso; assim, se dela abusa, ela pode lhe ser retirada ou causar-lhe algum mal, pois, definitivamente, os Espíritos inferiores estão sob as ordens dos Espíritos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam de mistificar, mas não de serem mistificados; prestam-se de boa vontade à brincadeira, às coisas de curiosidade, porque gostam de se divertir, mas não gostam mais do que os outros de ser explorados nem de ser comparsas para melhorar a renda, e eles provam a cada instante que têm sua própria vontade, que agem quando e como bem lhes pareça, o que faz com que o médium de efeitos físicos esteja ainda menos certo da regularidade das manifestações do que o médium escrevente. Pretender produzi-las em dias e horas

determinados é dar prova da mais profunda ignorância. O que fazer, então, para ganhar dinheiro? Simular os fenômenos; é o que acontece não apenas com os que fazem disso uma profissão declarada, mas até mesmo com pessoas simples que encontram nisso um meio mais fácil e mais cômodo do que trabalhar. Se o Espírito não atende, eles o inventam: a imaginação é muito fecunda quando se trata de ganhar dinheiro! Onde houver interesse há motivo legítimo de suspeita, o que dá direito a um exame rigoroso com o qual não se devem ofender sem justificar a suspeita. Mas tanto a suspeita é legítima nesse caso quanto o é ofensiva, quando se trata de pessoas distintas e desinteressadas.

308 A faculdade mediúnic, mesmo limitada às manifestações físicas, não foi dada para ser exibida sobre os palcos, e qualquer pessoa que pretenda ter às suas ordens Espíritos para exibi-los em público pode com razão ser suspeita de charlatanismo ou de ilusionismo mais ou menos hábil. Que assim se considere todas as vezes que se vejam anúncios de pretensas sessões de *espiritismo* ou *espiritualismo* a tanto por lugar e que se lembre do que se está comprando ao entrar.

De tudo o que precede, concluímos que o desinteresse mais absoluto é a melhor garantia contra o charlatanismo; se nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, priva os maus de um poderoso meio de ação e fecha a boca dos difamadores.

309 Resta o que se poderia chamar de trapaça de amadores, ou seja, as fraudes inocentes de alguns gracejadores de mau gosto. É possível, sem dúvida, praticá-las à conta de passatempo em reuniões levianas e frívolas, mas não em assembléias sérias, onde se admitem apenas pessoas sérias. Pode muito bem uma pessoa se dar ao prazer de uma mistificação momentânea, mas seria preciso ser dotado de uma singular paciência para representar esse papel durante meses e anos, e a cada vez durante horas consecutivas. Somente um interesse pode alimentar essa perseverança, e o interesse, repetimos, dá sempre oportunidade para que se suspeite de tudo.

310 Poderão pensar, talvez, que um médium que dedica seu tempo ao público no interesse da causa não pode fazê-lo por nada; afinal ele precisa viver. Mas é no interesse da causa ou no seu que o faz? Não é antes porque entrevê na mediunidade um meio lucrativo? Sempre se encontrará pessoas dispostas a isso por qualquer preço. Elas têm apenas esse comércio à sua disposição? Não nos esqueçamos de que os Espíritos, seja qual for sua superioridade ou sua inferioridade, são as almas dos mortos e, quando a moral e a religião prescrevem como um dever respeitar os seus restos mortais, a obrigação de respeitar o Espírito é ainda maior.

O que diriam de quem retirasse um corpo do túmulo e o exibisse por dinheiro, por esse corpo provocar a curiosidade? É menos desrespeitoso exhibir o Espírito em vez do corpo, sob o pretexto de que é curioso ver como age um Espírito? E notemos bem que o preço dos lugares será proporcional às variedades que ele poderá fazer e da atração do espetáculo. Certamente, se durante sua vida tivesse sido comediante, nem de longe suspeitaria que depois de sua morte encontraria um diretor que o explorasse fazendo-o representar de graça.

É preciso não se esquecer que as manifestações físicas, assim como as manifestações inteligentes, são permitidas por Deus apenas para nossa instrução.

311 Colocadas à parte essas considerações morais, não contestamos de nenhum modo que possa haver médiuns interesseiros dignos e conscienciosos, pois há pessoas honestas em todas as profissões; falamos apenas do abuso; mas, há que se convir pelos motivos que expusemos, que o abuso tem mais razão de ocorrer entre os médiuns que aceitam ser remunerados do que entre aqueles que, considerando sua faculdade um favor, empregam-na apenas para prestarem serviço.

O grau de confiança ou de desconfiança que se pode ter num médium pago depende, antes de qualquer coisa, do respeito que infundam seu caráter e sua moralidade, além das circunstâncias. O médium que, com um objetivo eminentemente sério e proveitoso, não pode trabalhar por utilizar seu tempo com a mediunidade e, por essa razão, encontra-se desempregado não pode ser confundido com o médium *especulador*, que, premeditadamente, faz de sua mediunidade um comércio. De acordo com o motivo e com o objetivo, os Espíritos podem, pois, condenar, absolver ou até mesmo favorecer; eles julgam mais a intenção do que o fato material.

312 Os sonâmbulos que utilizam sua faculdade de maneira lucrativa não estão no mesmo caso. Ainda que essa exploração esteja sujeita a abuso e o desinteresse seja a maior garantia de sinceridade, a posição é diferente, visto que é seu próprio Espírito que age; conseqüentemente, ele está sempre à sua disposição, e na realidade exploram apenas a eles mesmos, pois estão livres para dispor de sua pessoa como entenderem, ao passo que os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos (Veja a questão nº 172).

313 Não ignoramos que nossa severidade em relação aos médiuns interesseiros faz com que se revoltam contra nós todos aqueles que exploram ou estão tentados a explorar esse novo comércio e que com isso fazemos dessas pessoas inimigos implacáveis, assim como seus

amigos, que tomam naturalmente seu partido; consolamo-nos pensando que os mercadores expulsos do templo por Jesus também não o viam com bons olhos. Temos também contra nós as pessoas que não encaram a coisa com a mesma seriedade; entretanto, acreditamos estar no direito de ter uma opinião e de emití-la; não forçamos ninguém a adotá-la. Se uma imensa maioria aderiu a ela, é porque a consideram justa; pois não vemos, de fato, como se poderia provar que não há mais chance de encontrar a fraude e o abuso na especulação do que no desinteresse. Quanto a nós, se nossos escritos contribuíram para lançar o descrédito sobre a mediunidade interesseira, acreditamos que esse é um dos maiores serviços que eles prestaram ao Espiritismo *sério*.

### FRAUDES ESPÍRITAS

314 Aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas atribuem geralmente à fraude os efeitos produzidos. Baseiam-se no fato de que os ilusionistas hábeis fazem coisas que parecem prodígios quando não se conhece seus segredos; disso eles concluem que os médiuns são apenas ilusionistas. Já refutamos esse argumento, ou antes essa opinião, notadamente nos artigos sobre o senhor Home e nos números da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858; diremos sobre isso apenas algumas palavras antes de falarmos de uma questão mais séria.

É, resumindo, uma consideração que não escapará a quem reflita um pouco. Há, sem dúvida, ilusionistas de uma habilidade notável, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem fraude, seria preciso convir que a arte do ilusionismo teria feito, em pouco tempo, progressos extraordinários e teria se tornado subitamente bem comum, uma vez que se encontraria em estado inato em pessoas que dela nem suspeitavam, até mesmo em crianças.

Pelo fato de haver charlatões que vendem falsos remédios nas praças públicas e de haver até mesmo médicos que, sem irem à praça pública, traem a confiança dos seus clientes, segue-se que todos os médicos são charlatões e que a classe médica é por isso atingida em sua consideração? Pelo fato de haver pessoas que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os comerciantes de vinho são falsificadores e que não há vinho puro? Abusa-se de tudo, até mesmo das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude também tem seu gênio. Mas a fraude sempre tem um objetivo, um interesse material qualquer; onde não há nada a ganhar não há nenhum interesse em enganar. Foi por isso que dissemos, em relação aos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto.

315 De todos os fenômenos espíritos, os que mais se prestam à fraude são os fenômenos físicos, por motivos que é útil considerar. Primeiramente, porque, impressionando mais aos olhos do que à inteligência, são os que o ilusionismo pode mais facilmente imitar. Em segundo lugar, aguçando, mais do que os outros, a curiosidade, são mais próprios para atraírem a multidão e, conseqüentemente, mais produtivos. Sob esse duplo ponto de vista, os charlatães têm, portanto, todo interesse em simular essas espécies de manifestações; os espectadores, na sua maioria estranhos à ciência, vão geralmente procurar nisso antes uma distração do que uma instrução séria, e sabe-se que sempre se paga melhor aquele que distrai do que aquele que instrui. Mas, à parte disso, há um outro aspecto conclusivo. Se o ilusionista pode imitar efeitos materiais, para os quais apenas é preciso a destreza, não conhecemos, até o momento presente, o dom da improvisação, que requer uma dose de inteligência pouco comum, nem o de produzir as belas e sublimes mensagens, freqüentemente tão cheias de elevada ponderação, que os Espíritos dão em suas comunicações. Isso nos lembra o fato a seguir.

Um homem de letras bastante conhecido veio um dia nos procurar; disse que era um médium escrevente *intuitivo* muito bom e que se colocava à disposição da sociedade espírita. Como temos por hábito admitir na sociedade apenas médiuns cujas faculdades nos são conhecidas, nós lhe rogamos o favor de vir antes fazer suas provas em uma reunião particular. Ele submeteu-se a isso, de fato; nessa reunião, diversos médiuns experimentados receberam mensagens ou respostas de uma notável precisão sobre questões propostas e assuntos desconhecidos por eles. Quando chegou a vez desse senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse que estava maldispuesto naquele dia e depois disso não o vimos mais; ele achou, sem dúvida, que o papel de médium de efeitos inteligentes era mais difícil de desempenhar do que supunha.

316 Em todas as coisas, as pessoas mais fáceis de serem enganadas são as que não são do ofício; o mesmo acontece com o Espiritismo; aqueles que não o conhecem são facilmente iludidos pelas aparências, enquanto um estudo prévio e atento os inicia não somente na causa dos fenômenos, mas nas condições normais em que se podem produzir, fornecendo a eles assim os meios de reconhecer a fraude, se ela existe.

317 Os médiuns trapaceiros são censurados, como o merecem, na carta a seguir que reproduzimos na *Revista* do mês de agosto de 1861.

“Paris, 21 de julho de 1861.

“Senhor,

“Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos e estar em perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último número de vosso jornal, reflexões sobre a fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas), reflexões a que sou feliz em me associar com todas as minhas forças. Ai, toda dissidência em matéria de teorias e de doutrinas desaparece como por encanto.

“Não sou, talvez, tão severo quanto vós em relação aos médiuns que, sob uma forma digna e conveniente, aceitam uma remuneração como indenização pelo tempo que consagram às experiências freqüentemente longas e fatigantes; mas eu sou como vós – e não se poderia ser menos – em relação àqueles que, em semelhante caso, suprem pela falcatrua e pela fraude a ausência ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados (Veja a questão nº 311).

“Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é certamente uma infâmia, e haveria adulteração no senso moral do médium que acreditasse poder fazê-lo sem escrúpulo. Conforme frisastes com exatidão, *é lançar o descrédito sobre a coisa no espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida*. Acrescentaria que é comprometer da maneira mais deplorável os homens dignos que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se fazem fiadores de sua boa-fé e que os patrocinam de algum modo; é cometer para com eles uma verdadeira deslealdade.

“Todo médium que fosse culpado de manobras fraudulentas, que fosse apanhado, para me servir de uma expressão pouco trivial, com a boca na botija mereceria ser banido por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais seria um dever rigoroso desmascará-los ou marcá-los.

“Se vos convier, senhor, insira essas poucas linhas em vosso jornal; elas estão ao vosso serviço.

“Aceitai etc.

Mateus.”

318 Mesmo os fenômenos espíritas de efeitos físicos não são fáceis de imitar, e há alguns que desafiam, evidentemente, toda a habilidade do ilusionismo, notadamente o movimento dos objetos sem contato, a suspensão dos corpos pesados no espaço, as pancadas de diferentes lados, as aparições etc., salvo com o emprego de truques e de cumplicidade. Por isso dizemos que é preciso nesses casos observar atentamente

as circunstâncias e, principalmente, levar em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que elas poderiam ter em enganar: eis aí o melhor de todos os controles, porque são essas circunstâncias que levantam todo motivo de suspeita. Pensamos, em princípio, que se deve desconfiar de todo aquele que fizer desses fenômenos um espetáculo, um objeto de curiosidade ou de divertimento, e se dispor a produzi-los à vontade e no momento próprio, como já explicamos. Não será demais repetir que as inteligências ocultas que se manifestam têm suas suscetibilidades e querem nos provar que elas também têm seu livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos (Veja a questão nº 38).

Será suficiente assinalarmos alguns subterfúgios empregados ou que são possíveis de ser empregados em certos casos, para prevenir contra a fraude os observadores de boa-fé. Quanto às pessoas que se obstinam em julgar sem se aprofundarem, seria tempo perdido procurar desiludi-las.

319 Um dos fenômenos mais comuns é o das pancadas até mesmo no interior da madeira, com ou sem o movimento da mesa ou de outro objeto que se use. Esse efeito é um dos mais fáceis de ser imitados, seja pelo contato dos pés, seja provocando pequenos estalidos no móvel; mas há um pequeno estratagema especial que é fácil desvendar. Basta colocar as duas mãos espalmadas sobre a mesa e tão aproximadas que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma contra a outra; então, por um movimento muscular totalmente imperceptível, produz-se um atrito que dá um pequeno estalo seco, muito parecido com o da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz uma completa ilusão. Nada é mais fácil do que fazer com que se ouçam tantas pancadas quanto se queiram, uma batida de tambor etc., do que responder a certas perguntas por sim ou por não, por números ou até mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Uma vez prevenido, o meio de se reconhecer a fraude é bem simples. Ela não é possível se as mãos ficarem afastadas uma da outra, assegurando-se de que nenhum outro contato pode produzir o ruído. As pancadas reais têm, aliás, a característica de mudarem de lugar e de timbre à vontade, o que não pode acontecer quando são produzidas da maneira que assinalamos ou de outra parecida. Que saia da mesa para se produzir sobre um móvel qualquer que ninguém toque, sobre as paredes, no teto etc., que responda, enfim, a perguntas não previstas (Veja a questão nº 41).

320 A escrita direta é ainda mais fácil de ser imitada. Sem falar dos produtos químicos bem conhecidos que fazem aparecer a escrita num

tempo determinado sobre o papel branco, o que se pode desmascarar com precauções bem simples, poderia acontecer de, por um truque hábil, substituir-se um papel por outro. Também poderia ocorrer de aquele que quisesse fraudar ter a arte de desviar a atenção enquanto escrevesse rapidamente algumas palavras. Disseram-nos ainda ter visto uma escrita assim com uma pontinha de grafite escondida debaixo da unha.

321 O fenómeno de transportes não se presta menos à trapaça, e pode-se facilmente ser vítima de um ilusionista mais ou menos hábil, sem que haja necessidade de se tratar de um profissional. No parágrafo especial que publicamos anteriormente (Veja a questão nº 96), os próprios Espíritos determinaram as condições excepcionais em que o fenómeno pode se produzir, de onde se pode concluir que a obtenção *fácil* e *facultativa* deve, pelo menos, ser considerada suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322 No capítulo sobre os *médiuns especiais*, mencionamos, segundo os Espíritos, as aptidões mediúnicas comuns e as raras. Convém, portanto, desconfiar dos médiuns que pretendem ter estas últimas mais facilmente ou que ambicionam a multiplicidade das faculdades, pretensão que só muito raramente se justifica.

323 As manifestações inteligentes são, de acordo com as circunstâncias, as que oferecem a maior garantia; entretanto, nem elas estão ao abrigo da imitação, pelo menos no que se refere às comunicações banais e comuns. Acredita-se ter mais segurança com os médiuns mecânicos não apenas para a independência das idéias, mas também contra as fraudes; é por essa razão que certas pessoas preferem os meios mecânicos. Pois bem! É um erro. A fraude se insinua por toda parte, e sabemos que com habilidade pode-se dirigir, à vontade, até mesmo uma cesta ou um prancheta que escreve e lhe dar todas as aparências dos movimentos espontâneos. O que tira todas as dúvidas são os pensamentos expressos, quer venham de um médium mecânico, intuitivo, auditivo, falante ou vidente. Há comunicações que estão de tal forma fora das idéias, dos conhecimentos e até mesmo da capacidade intelectual do médium que seria preciso iludir-se para atribuí-las a ele. Reconhecemos no charlatanismo uma grande habilidade e muitos recursos, mas ainda não conhecemos nele o dom de dar o saber a um ignorante ou espírito àquele que não o tem.

Em resumo, repetimos, a melhor garantia está na moralidade dos médiuns e na ausência de todas as causas de interesse material ou de vaidade, que, além de estimular neles o exercício das faculdades mediúnicas que eles possuem podem animá-los a simular as que não têm.